

OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXIII Volume

Redacção e Administração
Travessa do Convento de Jesus, 4

20 de Abril de 1910

Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

N.º 1127

CHRONICA OCCIDENTAL

A representação de Portugal no Centenario da Argentina

Um dos grandes attractivos da exposição internacional que vae fazer-se em Bruxellas será a parte que nella é destinada á educação da mulher e á exhibição de tudo quanto diga respeito aos progressos do seu sexo, nas suas condições de instrução, nas suas condições industriaes, nas suas condições economicas, nas suas condições scientificas; e no exercicio de todas as suas aptidões, desde a mulher dona de casa, até á mulher politica.

Não é esta a primeira vez que se procura realisar tal idéa, já indicada no programma de outras exposições. Mas tudo nos faz crêr que esta será a primeira vez que ella se leva a effeito com o criterio e desenvolvimento que a causa feminista justamente exige.

Na Exposição de Paris de 1900, os assumptos que se prendiam com o progresso da mulher foram muito disseminados pelas variadissimas secções, e passavam quasi despercebidos ao exame da multidão dos visitantes. O chamado Palacio da Mulher, situado nas proximidades da Torre Eiffel, não era mais do que uma exploração semelhante á dos bazares e espectaculos populares do Trocadero, onde se ia vêr a dança do ventre e as odaliscas... de Grenelle!

Portugal foi convidado a tomar parte no esplendido certamen que a Belgica prepara, mas não nos consta que esteja resolvido que lá vamos ou não.

Pelo que respeita ao convite dirigido á mulher portugueza para que vá brilhar ao lado de tantas outras, a chronica é de parecer que ella deve ir.

Não faltam na nossa historia, nem na actualidade, os exemplos da mulher portugueza que se distingue no valor politico, moral ou social, nas sciencias, nas letras, e nas artes. Assim como seria crime, em eras de absolutismo — no dizer de D. Antonio da Costa — negar á mulher popular o seu merecimento, injustiça menor não seria, nos nossos tempos democraticos, regatear ás classes elevadas a commoção que merecem por virtudes, valor, ou caridade. Por outro lado, a causa da mulher tem attraído a Portugal uma corrente de idéas no sentido favoravel á elevação das suas



CONSELHEIRO JOÃO DE OLIVEIRA DE SÁ CAMELLO LAMPREIA

EMBAIXADOR EXTRAORDINARIO DE PORTUGAL, NA ARGENTINA

(Photographia Vidal & Fonseca)

condições sociaes. O regimen liberal estreitou-se com um Tratado sobre a educação, pelo fundador do theatro portuguez e um dos primeiros poetas nacionaes, e nesse tratado já as condições educativas da mulher eram assumpto principal.

Alexandre Herculano e Castilho, no *Panorama* e na *Revista Universal Lisbonense*, fizeram da melhoria dos destinos da mulher um verdadeiro apostolado, mostrando-a sempre como um ser perfectivel, merecedor de que os costumes e as leis a elevassem ao logar que lhe pertencia, de direito. Nas festas escolares e nos relatorios das nossas muitas associações de educação e instrução, a causa da mulher é constantemente vulgarizada como excellente doutrina; e aos discursos e relatorios acresce, sem cessar, uma notavel quantidade de escriptos.

José Palmella, no seu livro *A aristocracia do genio e da belleza feminina na antiguidade*, defende esta these: «Se a mulher portugueza, não tendo podido estudar e desenvolver-se, tem dominado nos seculos, o que se não deverá esperar d'ella na sociedade moderna, onde já gosa de direitos?» Lopes Praça, num outro livro admiravel *A Mulher e a Vida*, depois de instar por que a mulher seja melhorada nas suas diversas condições, aconselha que lhe sejam franqueadas todas as sciencias, e acceita e advoga a sua emancipação politica, entendendo que a solução mais rasoavel consistirá em entregar aos povos, por meio da instrução, da moralidade, e da liberdade, o reconhecimento e a realisação pratica da emancipação politica das mulheres, sendo o cumulo para essa emancipação a elevação progressiva, moral, intellectual, religiosa e artistica. Todas as bellas questões relativas á elevação moral e intellectual da mulher portugueza são tratadas nas revistas, como a *Revista Froebel*, a *Revista da Sociedade de Instrução Publica*, a *Revista de Educação e Ensino*. João de Deus consagra a uma d'ellas algumas formosissimas paginas do seu *Methodo de leitura*. Ramalho Ortigão discute-as no amoravel tom ironico das suas *Farpas*. O Doutor Augusto Filipe Simões presta-lhe uma louvavel attenção na sua *Educação fisica*. Paulo Lauret, nos assumptos da sua especialidade — a gymnastica — interessa-se vivamente por ellas.

Na ordem das relações civis, a legislação tem reconhecido já a mulher portuguesa direitos muito apreciáveis, como filha, como esposa, como mãe, e tanto na sua pessoa como nos seus bens.

No que respeita á sua situação educativa e instructiva, temos visto augmentar o numero de escolas e de alumnas, a dotação official para o desenvolvimento do ensino, e o desejo, assignado em muitos documentos, de uma crescente melhoria d'esse ensino. A acção particular, agitada pela iniciativa individual, e pela de muitas associações que todos os dias crescem de numero, no mesmo sentido tem beneficemente influido. E outros elementos modernos, embóra por modo indirecto, se juntam constantemente ao elemento directo do ensino: as conferencias, os saraus, os theatros, os concertos, as exposições, os centenarios, que dilatam os conhecimentos, apuram as idéas, beneficiam o gosto do bello.

A emancipação scientifica da mulher portuguesa ganha igualmente bom terreno. Os casos de senhoras que frequentam os cursos das nossas escolas superiores, e que os realisam com diplomas de distincção, tornaram-se frequentes. E se a sua emancipação politica ainda não obteve perante as idéas e a opinião a força bastante para se impôr ás leis, certo é que a sua emancipação especial para o amplo desenvolvimento das suas faculdades não é já, por nenhum modo, uma coisa pertencente apenas ao dominio dos livros e dos discursos.

A primeira vista o convite feito ás senhoras portuguesas parece estabelecer esta difficuldade: quaes são os elementos de que poderemos servir-nos para corresponder condignamente ao convite?

Evidentemente, se o programma da exposição excluísse tudo quanto não fosse producto palpavel do trabalho scientifico, artistico e industrial, tudo quanto não revestisse a fórma material de objectos, quasi nulla seria a representação da nossa actividade feminina. A situação da mulher portuguesa nas suas condições economicas é deploravel. Se exceptuarmos a industria das rendas e dos bordados, alimentadas principalmente por um prestigio de tradição, o pouco mais que nos resta é insignificante. O trabalho das nossas costureiras, das nossas lubeiras, das nossas ajuntadeiras de calçado, é limitado apenas ás necessidades do nosso proprio consumo. Os casos em que o trabalho da nossa mulher se applica a outras industrias moderadas, como a tipografia, a ourivesaria, a encadernação de livros, o fabrico de estojos, etc., são por emquanto em numero muito restricto e apenas representam tentativas isoladas. Nos campos, a nossa mulher trabalha a terra e occupa se do gado partilhando com o homem a metade d'essa faina violenta. Nos centros fabris, é um elemento barato e brutal de produção, quasi sem regulamentos humanitarios, sem ensino profissional, sem nenhuma especie de garantia ou de estímulo. E o que mais conviria, precisamente, á nossa condição de velho paiz civilisado em presença do convite da Belgica, seria occultar, guardar muito para nós, a verdade de tamanhas tristezas.

Mas acontece que o programma é muito mais vasto, e tanto abrange os objectos, como abrange as idéas. Não é só um formidavel proposito de propaganda industrial e commercial que predomina nesse programma; é tambem um muito alto pensamento de propaganda social.

Se os productos da actividade manual da mulher portuguesa são poucos, comquanto muito bellos alguns d'elles, muitos são os da sua actividade mental, e, entre estes, muitos formosissimos.

Olhando para o passado, que deliciosa pagina da historia da nossa córte essa que fala da Infanta D. Maria, filha de El-Rei D. Manuel, fundadora d'aquella academia «onde as damas e donzellas de linhagem, e mesmo as servas, recebiam ensino e educação, manuseando livros, tocando instrumentos e musicas de diversas maneiras, pintando e fazendo outros officios com grande perfeição.» Em seu louvor compõe Achilles Estação um poema; Damião de Goés e Jeronymo Osorio rendem justiça ás suas virtudes e talentos; Francisco de Moraes dedica-lhe a sua novella *Palmeirim de Inglaterra*, da qual disse Cervantes «que se devia conservar como objecto unico, fazendo para ella uma caixa de ouro»; João de Barros compõe-lhe o elogio, Luiz de Camões dirige-lhe um poema. Das versejadoras do Paço, que um tão raro valor dão ao nosso seculo xv, ás poetisas palacianas do seculo xviii; do caso ousado de D. Izabel de Castro, apresentando-se no Varatojo a defender conclusões publicas em theologia, levando por bôrla doutoral a sua farta trança de cabellos negros

dentro de uma coifa de oiro, ao gosto delicado com que a Marquesa de Alorna modifica, pelas suas obras, o estilo exagerado da escola arcaica — quantas outras paginas opulentas a enaltecer o genio feminino português!

E, em tempos mais modernos, e presentemente, que admiravel actividade a que vemos desenvolver-se ao redor de outros intuitos sociaes da nossa iniciativa feminina; nas associações de classes, nos estabelecimentos de educação, nas instituições de caridade, nas escolas profissionais, nas obras de assistencia, nas sociedades de cultura artistica!

JOÃO PRUDENCIO

A Representação de Portugal nas festas do Centenario da Argentina

Celebram-se no proximo mez de maio grandes festas em Buenos Aires para comemorar o centenario da proclamação da Republica Argentina.

A essas festas concorrem as principaes nações da Europa e da America, fazendo-se representar por seus embaixadores e navios de guerra. Portugal, a velha nação da Europa, que com a Espanha, devassou nos seculos xv e xvi esses paizes desconhecidos da America, da Africa, da Asia e Oceania, tinha que se fazer representar na festa nacional de um povo ao qual está ligado por tantos laços de sympathia, e onde os portugueses constituem tambem uma colonia importante, espalhada por muitas das principaes cidades da florescente republica.

Assim, para lá partiu no dia 8 do corrente, o crusador *D. Carlos*, e para lá vae partir num dos trasatlanticos da carreira de Buenos Aires, o sr. Conselheiro Camello Lampreia, nomeado pelo governo português, embaixador extraordinario de Portugal para o representar nas festas do centenario.

O crusador *D. Carlos* seguiu viagem sob o comando do capitão de mar e guerra, sr. Conselheiro Alvaro Antonio da Costa Ferreira, tendo por immediato o capitão-tenente, sr. Antonio da Costa Rodrigues; primeiros tenentes, srs. Antonio Alberto Rodrigues Bello, Julio Xavier Vieira da Silva e Ladislau M. Durão de Sá; segundos tenentes, srs. Augusto Gonçalves de Azevedo Franco, Augusto de Almeida Teixeira, João Gonçalves da Costa e Alvaro de Almeida Martha; medico, sr. Antonio José Gonçalves Pereira; capelão, rev. Manuel dos Santos Lima, etc.

Seguiram tambem neste navio os srs. major de artilharia Antonio Fernandes Teixeira e tenente de marinha D. Carlos de Sousa Coutinho, que fazem parte da comitiva do embaixador de Portugal.

O primeiro porto onde o *D. Carlos* se dirige é o do Rio de Janeiro, fazendo escala por S. Vicente, e devendo chegar áquelle no dia 29 deste mez. Demorando-se até 7 de maio, segue para Buenos Aires, onde deve dar entrada no dia 12 e demorar-se até 30, assistindo ás festas.

No regresso da viagem volta ao Rio de Janeiro, fazendo escala por Santos, e n'aquelle porto se demora até 17 de junho, seguindo ao Pará onde estaciona 5 dias e depois vem pela Trindade, devendo entrar no Tejo em 31 de julho.

Como dissémos, é o sr. Conselheiro João de Oliveira de Sá Camello Lampreia, que vae como embaixador extraordinario representar Portugal nas festas do centenario da Argentina.

O sr. Conselheiro Lampreia não seguiu no crusador *D. Carlos*, por se encontrar doente com um ataque de gripe.

Este antigo diplomata conhece aquelle pais, como conhece o Brasil onde esteve ministro de Portugal nos ultimos annos, e ali conquistou as sympathias do povo brasileiro e da colonia portuguesa, como nenhum outro ministro português conquistára.

São ainda bem recentes os factos politicos que determinaram a retirada do sr. Conselheiro Camello Lampreia da legação do Rio de Janeiro, para aqui os recordarmos, mas o que é certo é o sentimento, tanto do governo brasileiro como da colonia portugueza, por essa retirada.

São muitos os documentos que provam a grande estima dos brasileiros e portugueses pelo sr. Lampreia. Entre outros conta-se um busto seu em bronze que ali lhe ofereceram com a seguinte

dedicatoria: — *Ao Conselheiro J. O. de Sá Camello Lampreia — Homenagem dos Brasileiros.* Portugueses e brasileiros ofereceram-lhe, já depois de se ter retirado do Rio de Janeiro, um *passe-partout* de prata *repoussé*, feito nas oficinas dos joelleiros Leitão & Irmão, de Lisboa, no qual se lê esta dedicatoria: *À Sua Excellencia o Senhor Conselheiro João de Oliveira de Sá Camello Lampreia, oferece este objecto adquirido na Exposição Nacional do Rio de Janeiro de 1908, um grupo de Brasileiros e de Portugueses.*

Por telegrammas sabe-se o alvoroço com que a imprensa flumiense acolheu a noticia da nomeação do sr. Conselheiro Lampreia para a alta missão que vae desempenhar, e por saber da sua proxima visita á Capital Federal.

Tudo isto são testemunhos da alta consideração e estima que o illustre diplomata possui naquelle pais, consideração e estima que desfruta tambem em Buenos Aires, que o sr. Lampreia visitou durante a sua estada no Brasil, e onde conta muitos amigos.

Na grande capital da Argentina, uma das maiores e mais belas capitais da America do Sul, será recebido condignamente o embaixador de Portugal, e estamos certos que saberá concorrer para o estreitamento das relações entre os dois países, que de ha muito vem aproximando se e nos ultimos annos mais do que nunca, pelo aumento da colonia portuguesa ali e pelos interesses de mutuo commercio.

O COMETA DE HALLEY

Edmundo Halley foi uma das maiores individualidades da astronomia no seculo xviii. Nascido em Haggerston em 8 de novembro de 1656, morreu no observatorio de Greenwich a 25 de janeiro de 1742. Desde novo, mostrou grande sympathia pelas sciencias mathematicas e astronomicas, e quando estudante, já fizera observações notaveis sobre as variações da agulha magnetica e sobre as manchas solares. Em Santa Helena (1686) catalogou, com muito methodo, as constellações austraes, estudando a passagem do planeta Mer-



EDMUNDO HALLEY

curio pelo Sol, o que lhe suggeriu a ideia de determinar a parallaxe do Sol pelas passagens de Venus. A sua melhor obra foi, porém, publicada de 1705 a 1707 e tinha por assumpto a theoria dos cometas, tendo sido elle o primeiro que predisse que o astro observado por Kepler em 1607, era o mesmo que elle observára em 1682, marcando a sua reaparição em 1758. Effectivamente assim succedeu, e a esse astro foi dado o nome de *cometa de Halley*, que deveria ainda reaparecer em 1835, e reaparecerá agora na madrugada de 18 para 19 de maio de 1910.

E' d'esse astro, que hoje, principalmente, nos occupamos.

Sem falarmos das aparições do *cometa de Halley* em épocas remotas e partindo do anno

12 antes da nossa era, em que elle foi observado pelos chinezes, tem sido 14, as vezes em que esse astro se tem mostrado visivel á terra:

Anno	12 antes de Christo, (observado na China)
>	66 da era christã,
>	141 > > >
>	218 > > >
>	295 > > > (observado em Roma).
>	373 > > >
>	451 > > >
>	526 > > >
>	607 > > >
>	684 > > >
>	760 > > >
>	837 > > > (Reinado de Luiz, o Debonario).
>	912 > > >
>	989 > > > (observado na China).
>	1066 > > > (Conquista da Inglaterra pelos normandos).
>	1141 > > >
>	1222 > > >
>	1301 > > > (observado na Europa).
>	1378 > > > (observado na China).
>	1456 > > > (Batalha de Belgrado).
>	1532 > > > (No tempo de Francisco I, observado por Apiano e Frascator).

lhas inglezas afastado do Sol, e a 158 milhões da Terra, até que em 18 de maio terá já passado no perihelio e estará distante do Sol 21 milhões de leguas (distancia minima), e a pouco mais de 30 milhões de leguas da Terra.

Desde o começo do mez de março podia ser observado á tarde como estrella de sexta grandeza, e no observatorio de Juvisy poderam-no photographar. O astro apresentou-se com a apparencia de um V, vendo se-lhe o nucleo no centro da cabelleira.

Em 28 de março, estava do lado opposto do Sol, em relação á Terra (conjuncção superior), e em seguida começou apparecendo de madrugada, afastando-se apparentemente do Sol, e mostrando-se cada vez mais cedo, realisando-se a passagem pelo perihelio, a 20 de abril. A 6 de maio attinge a sua maior elevação de manhã (40°), até que em 18 de maio dá se a conjuncção inferior (passagem entre o Sol e a Terra, e menor distancia a que este se acha de nós).

Essa passagem tem logar cêrca das 2 horas da madrugada de 18 para 19 de maio, como dissémos, caminhando a Terra com uma velocidade de 106 kilometros á hora, e o cometa, com a velocidade de 170 mil, em sentido contrario ao da Terra, de fórma que o astro, em 30 de maio, virá a occupar o ponto por onde a terra passou em 30 de abril, como se vê, na figura.

Que devemos esperar d'este encontro?

Alexandre Herculano, poeta christão e liberal

Alexandre Herculano foi não só uma das mais vastas e profundas intelligencias que Portugal tem produzido, mas tambem um dos mais altos caracteres que têm surgido no seio da humanidade. A nação portugueza, celebrando o primeiro centenario do nascimento d'este grande escriptor, que foi o Miguel Angelo da nossa litteratura, nobilita-se a si propria e torna-se credora do respeito universal. Uma nação que produziu navegadores como Vasco da Gama, poetas como Camões, oradores como Vieira e historiadores como Herculano, não deve perecer; o seu nome está indelevelmente gravado com letras de ouro nas paginas da historia universal porque, apesar da profunda decadencia em que actualmente se encontra, tem prestado serviços relevantissimos á humanidade.

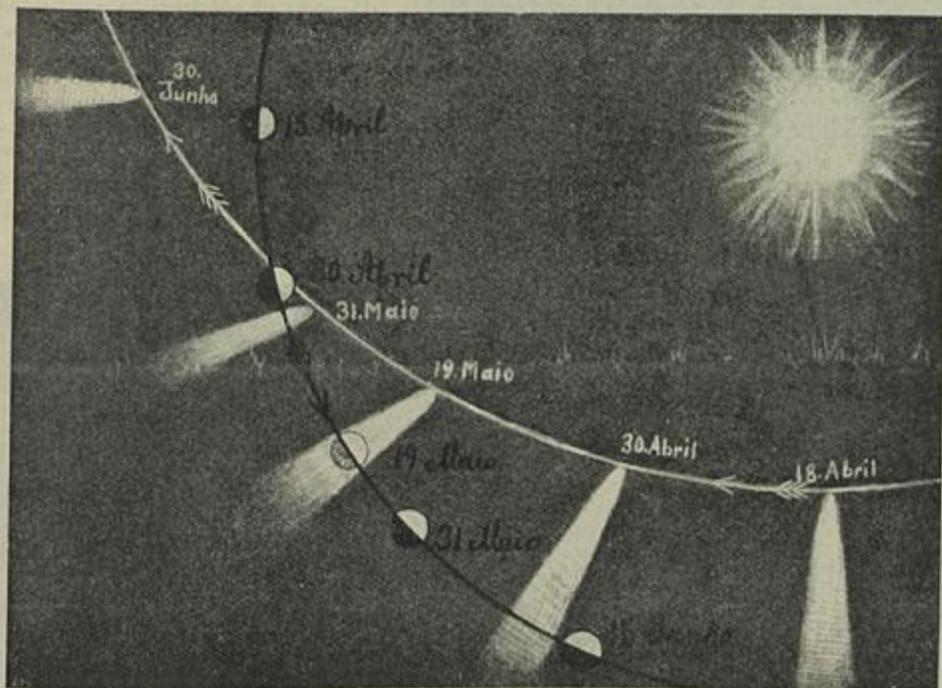
Alexandre Herculano foi um dos nossos mais eloquentes e primorosos escriptores; distinguu-se assombrosamente em varios ramos de litteratura, onde revelou os mais brilhantes predicados intellectuaes e estheticos.

A sua poesia energica, alterosa e muitas vezes sublime revela-se não só nos magnificos versos que escreveu na sua ardente mocidade mas tambem nos seus imaginosos e eruditos romances, nas suas obras historicas profundamente analyticas, onde palpita o mais ardente patriotismo sempre alliado ao amor da verdade, nas suas cartas repletas do sentimentalismo mais ardente e que revelam a maxima sinceridade e independencia de caracter e nas suas obras de polemica, em que a vehemencia da paixão está associada á profundidade da idéa. Herculano foi incontestavelmente um dos maiores poetas que Portugal tem produzido em todos os seculos; o seu subjectivismo é semelhante ao de Byron; nas suas obras, que revelam uma prodigiosa actividade litteraria e um concurso admiravel de aptidões oppostas, encontra-se grande riqueza de imagens, fala-nos sempre ao coração, arrebatando-nos despertando constantemente na nossa alma o mais ardente entusiasmo, as mais profundas emoções. Grande poeta em verso e em prosa, Herculano foi um vulcão de poesia que nunca se extinguiu até os derradeiros momentos da sua vida. O sublime auctor da *Harpa do Crente* não precisava de escrever versos para ser um poeta de primeira ordem; a *Voz do Propheta*, o *Eurico* e a carta sobre a miseria das freiras de Lorvão, onde se revela um sentimentalismo mais ardente e uma imaginação mais poderosa do que nos versos harmoniosos da maior parte dos nossos poetas, são documentos mais que sufficientes para attestar quão prodigioso foi o seu genio poetico. Na sua poesia metrica encontram-se muitos versos duros mas não existe um unico que seja frouxo. A poesia sem verso é incomparavelmente superior ao verso sem poesia. A prosa poetica de Herculano apresenta-nos as comparações mais bellas, as imagens mais vigorosas e sublimes, que difficilmente se encontram nas obras dos outros poetas.

O *Eurico*, essa magestosa epopeia em prosa, relativa á invasão arabe, essa elegia sublime onde se encontra o mais ardente lyrismo, contém as scenas dramaticas mais tocantes e commovedoras, que não deslustrariam a gloria de Eschylo e Shakespeare. Ha nesse bello romance historico, que é no seu genero um poema de primeira ordem, passagens tão imaginosas e patheticas que nos fazem lembrar os trechos mais bellos da *Iliada* de Homero e do *Inferno* de Dante, d'esse grande genio cujo estylo energico e magestoso nos assombra e que legou á posteridade a synthese poetica mais brilhante da idade média. Herculano é o Dante da prosa portugueza. A lueta das paixões attinge nos seus romances as raias do sublime. Na expressão do sentimento religioso é Herculano o nosso maior poeta. O eloquente auctor do *Monasticon* é muito semelhante ao sublime poeta florentino pela energia do seu temperamento e pela rigidez e severidade do seu caracter, que se reflectem evidentemente no estylo.

A poesia, considerada subjectivamente, é esse dom excelso de produzir emoções na alma alheia mediante associações de imagens e idéas. O verso não é poesia, é apenas a fórma brilhante de que o poeta se serve ordinariamente para transmittir as imagens que se produzem espontaneamente na sua alma e os sentimentos que se apoderam vigorosamente do seu coração.

A poesia de Herculano está em perfeita harmonia com a nobreza e independencia do seu caracter. Ninguem soube exprimir com mais energia os sentimentos mais elevados e as paixões



>	1607 da era christã, (No tempo de Henri-IV, observado por Kepler e Longomontano).
>	1682 > > > (Observado por Halley).
>	1759 > > > (Retorno calculado por Halley).
>	1835 > > >
>	18-19 1910 > > >

Tal a historia do astro errante que descreve no espaço uma longa orbita elliptica, afastando-se da terra a uma distancia superior a 5 billiões de kilometros, e experimentando ainda a essa distancia, a attracção do sol, que o faz de novo aproximar. A sua revolução completa effectua-se, como dissemos, em cêrca de 76 annos.

As ephemerides do cometa desde janeiro de 1909 a maio de 1910, são resumidamente as seguintes:

	Ascensão recta	Declinação
1909 Janeiro	1-2 h. 33 m. 22 s.	12° 14 m. 24 s.
> Abril	1-4 59 8	14° 41 38
> Julho	1-5 35 54	17° 21 23
> Outubro	1-6 3 42	17° 41 6
1910 Janeiro	1-2 33 22	13° 0 23
> Março	1-1 8 52	10° 32 22
> Maio	18-0 44 28	16° 51 31

Em 1 de janeiro de 1909 devia estar distante do Sol cêrca de 180600000 de leguas, isto é, perto de cinco vezes a distancia da Terra ao Sol, sendo o seu maior afastamento, em abril, data em que principia a approximar-se do astro luminoso. Em 1 de janeiro de 1910, estava a 218 milhões de mi-

E' difficil precisal-o exactamente, no emtanto, é provavel, segundo diz Flammarion, que sendo sabido, que a massa e a densidade insignificantes d'essas nebulosidades extremamente rarefadas; o globo terrestre, atravessará a cauda do cometa, como uma bala de artilheria, atravessaria um bando de passaros, sendo possivel, notar-se uma chuva de estrellas cadentes, e phenomenos electricos, nas regiões superiores da atmosphaera.

Descobriu-se que, entre os elementos chimicos do cometa, existe o cyanogenio, gaz venenoso para a nossa respiração, e muito deleterio, mas em tão pequenas doses, que embóra devamos atravessar a cauda do astro, nenhum receio devemos ter d'esse encontro.

Se em vez de encontrarmos a cauda, encontrássemos o nucleo, poderiamos soffrer a queda de aerolitos, mais ou menos volumosos, os quaes poderiam ter taes dimensões que seriam sufficientes para devastar uma cidade inteira, mas felizmente parece provado que, pelo menos, n'esta appareção, tal facto não deverá succeder.

E d'aqui até 1986, que deverá ser a data da sua nova appareção, ha ainda muito tempo, para pensarmos no fim do mundo por um cataclysmo cosmico, que, como se vê, não será para as nossas vidas, se é que, algum facto destruidor tenha logar com o encontro que se deverá, ou não, effectuar n'essa data.

ANTONIO A. O. MACHADO.



— Mas, doutor, qual é a minha doença?
— Só lh'o poderei dizer depois da autopsia.

A Representação de Portugal no Centenario da Argentina



O CRUZADOR «D. CARLOS»

mais impetuosas e veementes de que é susceptível a alma humana.

A *Harpa do Crente* é uma collecção de composições poeticas, pequenas pela extensão, mas grandes pela profundidade das idéas, pelo vigor das imagens, pelas emoções profundas que despertam na nossa alma, pelo entusiasmo ardente que lhe communicam e por esse estylo singelo mas ao mesmo tempo solemne e magestoso que nos faz lembrar o dos antigos prophetas, d'esses poetas eminentes que despertaram o sentimento religioso e patriótico do povo de Israel.

O primeiro poemeto contido na *Harpa do Crente* é a Semana santa, onde o sentimento religioso está alliado ao mais intenso amor da liberdade e da patria e á mais profunda melancholia.

O sol está prestes a desaparecer no horizonte. E' a hora melancholica em que a natureza apresenta um aspecto grave e solemne, que convida o poeta á meditação. O vento que sopra do oeste, sem quebrar o profundo silencio que reina na natureza, atravessa o adro da igreja, d'esse monumento legado ao povo, que escarnece das crencas religiosas dos seus antepassados, mas que não ousa combater o despotismo porque no seu coração não está profundamente radicado o amor da patria e da liberdade. O poeta dá por ironia aos seus contemporaneos o epitheto de fortes para fazer sobressair a cobardia e o egoismo do povo, que se curvava ao jugo dos tyrannos. Este sublime poemeto foi escripto quando na alma juvenil de Alexandre Herculano existiam as aspirações mais ardentes para o proseguimento d'esse



GRUPO DO COMANDANTE E OFICIALIDADE DO CRUZADOR D. CARLOS FOTOGRAFADO A BORDO, NO DIA DA PARTIDA PARA A ARGENTINA

ideal sublime pelo qual arriscou a propria vida no campo da batalha, pelejando como soldado valente.

O scepticismo religioso do século dezoito tinha penetrado no nosso país, vulgarizando-se o riso sarcástico de Voltaire, o que contribuiu poderosamente para que as turbas se tornassem descrentes, perdendo assim gradualmente a força moral proveniente das crenças religiosas dos seus antepassados. O materialismo grosseiro dos encyclopedistas ia perdendo terreno nas classes mais cultas, mas o sensualismo brutal anninhava-se nas tabernas, nos prostibulos e nas choupanas. A incredulidade espalhou-se pelas classes ínfimas da sociedade, tornando-se febril e bucolica, como diz Herculano no *Panorama*. Com o seu espirito eminentemente prático, com a sua vista de aguia, Alexandre Herculano via que nada existia que pudesse substituir a moral christã e que era indispensavel um remedio poderoso para que a corrupção moral se não alastrasse pelas classes populares. Herculano tinha razão porque é um gravissimo erro o destruir sem edificar. Com o nobre intuito de contribuir poderosamente para a regeneração moral do genero humano, muitos escriptores da escola romantica procuraram espiritalizar o povo, vulgarizando o sentimentalismo christão. Ainda hoje o grande philosopho e livre-pensador Fouillet considera como uma das principaes causas da decadencia moral da França o abandono da moral christã, que não foi substituida por cousa melhor, porque ainda ninguem conseguiu organizar um systema philosophico de moral que possa servir de fundamento á educação do povo, que possa regenerar moralmente as classes populares, incapazes de cultura philosophica e para as quaes a crença religiosa é uma necessidade absoluta. A escola romantica, de que Herculano foi um dos mais distinctos or-

Uma "Soirée" Elegante



D. Alda Lino, Laura — Fernando Cardoso, Creado — D. Maria Cunha, Maria — D. Maria Lino, Condessa — José Coelho da Cunha, Visconde
O JUÍZO DE PÁRIS, Cena final

namentos, procurou a alliança entre o christianismo e a liberdade, reagindo assim poderosamente contra o scepticismo religioso propagado pelos encyclopedistas. Era sincero o amor com que os grandes poetas, romancistas e historiadores d'a-

quella escola se abraçavam com a cruz, á qual tributavam a mais profunda veneração, considerando-a como o symbolo augusto da liberdade.

Muitos d'esses escriptores eminentes trabalharam energeticamente para a consolidação da monarchia constitucional. Entre esses vultos destaca-se a nobre figura de Alexandre Herculano, que amou ardentemente a patria, a religião e a liberdade.

Herculano foi superior a Chateaubriand na profundidade do pensamento e na energia e solemnidade do estylo. O talento poetico de Chateaubriand era mais objectivo, o de Herculano mais subjectivo. Chateaubriand foi um dos pintores mais admiraveis da natureza, Herculano foi um dos poetas que mais energeticamente e profundamente exprimiram o sentimento religioso e as paixões ardentes de que é susceptivel o coração humano. Chateaubriand pintou assombrosamente a natureza debaixo de todos os aspectos, Herculano pintou-a especialmente debaixo do seu aspecto magestoso e triste, mas soube exprimir mais vigorosamente do que o auctor do *Genio do Christianismo* as paixões ardentes que inflamam o coração humano. Chateaubriand era mais elegante, gracioso, pittoresco e ameno, Herculano era mais rude, apaixonado, magestoso e austero.

Nenhum escriptor, nacional ou estrangeiro, discutiu mais calorosamente do que Herculano as questões religiosas. Quando defendia a immuta-



1.º plano: João Sasseti, Luiz Folque, Antonio Felix da Costa, Antonio Horta e Costa, Thomaz Coelho
2.º plano: D. Leonor Rivára, D. Cecilia da Terra Viana, D. Adelina Guimarães, D. Laura Sasseti, D. Maria Luíza da Costa Neves, D. Maria Emilia Macieira Lino, D. Octavia Sasseti, D. Maria Cardoso de Castilho
3.º plano: D. Alda dos Santos Lino, D. Maria Antonia Diniz, D. Alice Rivára, D. Alice da Terra Viana, D. Cecilia Rivára, D. Maria das Dóres Cardoso de Castilho, D. Cristina Decken dos Santos
4.º plano: Caetano da Costa de Macedo, Antonio Caldeira Coelho, Rodrigo Franco Affonso, Jayme Mikaleff Santos, Frederico Navarro Hogan, Leopoldo de Oliveira Pires, Dr. Manoel da Motta Cardoso

UMA SERENATA EM COIMBRA

bilidade do dogma, que elle considerava o caracter essencial do catholicismo puro, a sua energia era semelhante á de Luthero, com quem rivalizava na vehemencia e rudeza do estylo.

Herculano foi um dos mais eloquentes moralistas christãos. E' com a mais sublime poesia e a mais profunda analyse que elle compara a caridade com a philantropia e nos apresenta um quadro admiravel das dôres mais intimas que dilaceram a alma da mulher que caiu na prostituição; as referencias biblicas abundam nas suas obras. A sua unica moral era a do Evangelho. Herculano exerceria uma influencia religiosa profundissima se Portugal não fosse um país de descrentes e scepticos.

A vulgarização das suas obras pôde contribuir poderosamente para o progresso religioso e moral do povo português.

Apesar de ser menos harmonioso e suave do que Lamartine, Herculano teve uma concepção mais profunda do christianismo, excedendo o na poderosa energia com que defendeu e proclamou os seus ideaes. A sensibilidade de Lamartine era mais feminina, a de Herculano mais varonil.

Alexandre Herculano, o admirador apaixonado de S. Paulo e Santo Agostinho, defendeu mais corajosamente do que Montalembert a aliança entre o christianismo e a liberdade, revelando nessa lucta titanica o ardor vehemente dos eloquentissimos padres da igreja que fizeram surgir o christianismo sobre as ruinas do antigo polytheismo.

Herculano não era apenas um espirito medieval embora fizesse resurgir admiravelmente nos seus romances historicos as idéas e os sentimentos da idade média; o character das suas obras é nacional e cosmopolita, consoante as aspirações dos tempos modernos.

O sentimento religioso de Herculano era espontaneo e profundo porque estava em perfeita harmonia com a sua indole eminentemente poetica e com a educação que recebera na sua infancia; no seu coração generoso e nobre dominava o entusiasmo religioso dos primitivos christãos, mas a sua intelligencia vasta e profunda era poderosamente influenciada pelo espirito philosophico do seu tempo. Herculano foi o theologo mais profundo que Portugal produziu no seculo XIX. E' pena que ainda não estejam publicados os seus manuscritos ácerca da questão religiosa, a sua correspondencia com o grande historiador e theologo allemão Doellinger e os capitulos que deixou de uma obra eminentemente religiosa e profundamente historica, que ficou incompleta. — *A conversão dos godos ao catholicismo* Foi a morte que o impediu de completar este precioso trabalho litterario e o quinto volume da sua grande obra, a *Historia de Portugal*, para o qual chegou a colligir alguns materiaes.

Felizmente já está traduzido em português o Elogio historico de Alexandre Herculano, recitado em Munich na sessão solemne da Real Academia das Sciencias de Baviera, a 28 de março de 1878 por João José Ignacio de Doellinger, presidente da mesma Real Academia.

Doellinger foi o chefe dos velhos catholicos allemães e consultava muitas vezes Herculano ácerca de varios pontos historicos. Para se vêr como o grande historiador e eminente theologo allemão apreciava Herculano sob o aspecto de romancista, vou citar o seguinte trecho do folheto ultimamente publicado:

«Um homem de tanto talento poetico como Herculano não podia deixar de fazer tentativas tambem no romance historico, aproveitando os materiaes da historia patria. Sem dúvida o levou a isso o exemplo de Walter Scott, a cuja influencia se deve outrosim attribuir a introdução d'este genero de litteratura na Allemanha, Inglaterra e França

«Entre todos os auctores que cultivaram este ramo litterario, não ha nenhum historiador de vocação, afóra Xenophonte, que escreveu, além das suas obras historicas e philosophicas, tambem um romance historico, a *Cyropedia*; de verdadeiros historiadores só posso nomear Sismondi, porém a *Julia Severa* d'este não satisfaz as mais modestas exigencias. O excellente *D. Alonso de Salvandy*, estava, quando saiu á luz, perto de mais da actualidade para ser considerado como romance historico. Assim Herculano occupa um lugar unico na litteratura. Nenhum outro soube alliar tanto a severidade da narração historico-cientifica com o entusiasmo e arrojo da poesia; elle, o profundo historiographo, conseguiu devesas introduzir nos seus romances, não figuras amalgamadas de noticias historicas ou antiquarias, mas personagens de carne e osso, que con dizem perfeitamente com a sua epocha.»

Alexandre Herculano foi incontestavelmente o

principe dos historiadores, romancistas historicos, epistolographos e polemistas portugueses e um dos maiores poetas e moralistas que Portugal tem produzido; occupa o primeiro logar na poesia religiosa do nosso país, não havendo em todo o mundo prosador algum que imitasse mais admiravelmente do que elle o estylo biblico, conservando sempre a assombrosa originalidade que caracteriza todos os seus escriptos.

DIOGO ROSA MACHADO.



UMA «SOIRÉE» ELEGANTE

Houve tempo que na sociedade elegante de Lisboa se realisavam lindas festas, como as do conde de Farrabo, no seu palacio das Larangeiras, as dos marquesês de Viana e de Penafiel, que ficaram lendarias, não só pela riqueza que ostentavam, mas ainda mais pela arte e gosto que a ellas prezedia.

Quem se lembra hoje disso?! Algum velho teimoso em durar e que na apagada memoria mal



D. MARIA ADELAIDE COELHO DA CUNHA

Um estudante de Coimbra

retenha longinqua lembrança de lá ter ouvido cantar a Zamparini a Catalani e outras celebidades liricas, que Joaquim Pedro Quintella contratava para o teatro de S. Carlos, e fazia ouvir, nos seus saraus das Larangeiras, em presenca da rainha D. Maria II e da sua côrte.

Como tudo isso passou! O teatro das Larançaires ardeu, ainda que depois foi reconstruido, o lindo parque é hoje exposição de fêras. O palacio dos marquesês de Viana de ha muito que fechou as suas portas a festas, como os seus donos partiram para eternidade, e outro tanto succedeu aos bailes dos marquesês de Penafiel.

Lisboa sentiu essas faltas, apenas animada de quando em quando por algum raro baile da côrte e ainda mais raras festas particulares dignas de especial menção.

O desporto hoje é tudo, a as senhoras em vez de exhibirem a sua belesa e os seus lindos e ricos vestidos de baile no redomoinho das valsas, exhibem a sua plastica um tanto desnudada, nadando nas praias ou remando em conôas, como quaesquer cratraeiros, de camisola sem mangas, mostrando os braços nus aos beijos do sol que os vae tostando.

Oh! prosaico desporto como tu brigas com as almas meigas e apaixonadas, que se compraziam

nas delicias do gracioso minuete, que passou, ou no estonteante prazer da valsa que vae passando.

E' por tudo isto que uma festa intima num ambiente por onde o espirito se espraia e a arte se acolhe com a poesia, em cada quadro, em cada objecto, num requinte de bom gosto, é hoje digno de se registrar.

Assim foi a festa que o nosso presado amigo e colega director co-proprietario do *Diario de Noticias*, sr. Dr. Alfredo da Cunha realisou em sua casa, a S. Vicente, em a noite de 2 deste mez, especialmente oferecida por sua esposa a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Adelaide Coelho da Cunha, ás pessoas de suas relações.

Uma *soirée* de recita e baile. A recita num elegante teatro de sala, com amadores que bem pareciam artistas consumados, tal a correcção e arte com que se houveram.

Representou-se o *Antiquario*, mimica em um acto, composição do sr. Raul Lino; *O Juízo de Paris*, comedia em verso, do sr. dr. Alfredo da Cunha o *Quatorzième convive* e *Uma serenata em Coimbra*, executada por um grupo de bandidos e còros, com que fechou a recita.

No *Antiquario* tomaram parte as ex.^{mas} sr.^{as} D. Esther e D. Olga Busaglo, D. Maria Emilia Macieira Lino, D. Laura de Freitas Branco Sasseti, D. Cristina Decken dos Santos, D. Alda dos Santos Lino; e os ex.^{mos} srs. José Coelho da Cunha e Raul Lino.

No *Juízo de Paris* tomaram parte as ex.^{mas} sr.^{as} D. Maria Adelaide Coelho da Cunha, D. Alda dos Santos Lino, D. Maria Emilia Macieira Lino; e os ex.^{mos} srs. José Eduardo Coelho da Cunha e Fernando Manuel da Mota Cardoso.

Foi uma festa encantadora, porque raras vezes se consegue um conjunto tão superiormente artistico.

No *Antiquario* havia as surpresas dos quadros que se viam pendurados pelas paredes, serem animados, pois a figuras mudavam de atitudes assim como uma estatua figurada pelo sr. José Coelho da Cunha.

Do *Juízo de Paris* bela produção poetico-comica do sr. dr. Alfredo Cunha, podemos obter um trecho da cena final, que em seguida publicamos, certo de que será lido com praser.

C. A.

MARIA

Mas não acham vossês? Isto de estar aqui
A falar em comer, e elle com fome, ali
De novo eucantinhado.

E' inquisitorial! Demo-lhes chá, coitado!

(*aproximando-se do biombo e chamando*)

Visconde! Oiça, Visconde!

Mas que é isto?... que é isto? Outra vez não responde?
Adormeceu de novo a ouvir a discussão?
Mas isso é um signal de má educação
Que não lhe perdoaria!

CONDESSA

Oh Visconde! Visconde!
Tiremos o biombo e veremos aonde
E' que elle se metteu

LAURA

Muito devagarinho
Para o apanharmos bem pegado no somninho!

CONDESSA

Precisa um correctivo!

MARIA (*depois de afastar o biombo, vendo o Visconde á janella, a gesticular para uma casa vizinha*)

Era outra a razão!

CONDESSA

Era outro o motivo!

LAURA

Que infamia, que traição!

MARIA

Emquanto discutiamos
A maneira melhor por que nós haveriamos
De tornar-lhe da vida os dias venturosos,
De tornar-lhe a existencia um cumulo de gosos...

CONDESSA

Elle está á janella
A namorar qualquer vizinha tagarella,
A primeira que viu e lhe deu attenção!
E que furor o seu de gesticulação!...

Nem parece um visconde... Isto é d'um estarola!

LAURA

Eu não resisto ao choque... Um sonho que se evola!
O' perdida illusão!

MARIA (com voz mais forte)

Visconde acabe já!

VISCONDE (sahindo da janella)

Eu estava-lhe a pedir que me mandasse um chá
Com umas bolachinhas

MARIA

D'esta casa ninguem pede chá ás visinhas!
Se o quer, aqui o tem... Aqui tem chá e bolos.

VISCONDE (á parte)

Em vez de papas... chá! Assim se apanham tolos!

(Alto)

Mas não era namoro: isto era — e é! — só fome!
Eu sou de carne e osso, e a minha carne come!

MARIA

Que escandaloso! Eu então que passo aqui a vida
Isolada, escondida,
Sem querer relações com essa visinhança!

VISCONDE

Pois bem, confesso: foi esta a minha vingança.
Matar á mingoa é peor que matar com sevicias

MARIA

Porque abriu a janella?

VISCONDE

Eu quiz chamar policias,
Que viessem acudir-me...
E' muito negra a fome e eu sentia esvahir-me
Alli de inanição...

MARIA

Coma! Aqui tem mais chá!

CONDESSA

Tome este pastelão!

VISCONDE

O chá é hoje o que era antigamente o outeiro,
Mas quasi sem poesia e sem doces de fama,
Sem freiras dando mote...

LAURA

E sem um cavalleiro
Sequer que dê audaz a vida por sua dama!

CONDESSA

Os cavalleiros hoje, ao ouvirem senhoras,
Passam a resonar horas encantadoras!

LAURA

O chá substituiu a olympica ambrosia
Que tornava immortal quem a libava outr'ora!
Foi-se a immortalidade...

CONDESSA

E veiu a dispepsia
N'esta odiosa infusão de que se abusa agora.
Uma chicara mais, fazes favor, Maria?...

VISCONDE

Excita o coração e faz mal á cabeça!...
Uma chicara mais, se faz favor condessa?...

LAURA

Tome lá um bon-bon, senhor Sardanapalo!

MARIA

Quando isto prosequir havemos de mudar-o;
Alli não continua.
Vae para outro logar sem vista para a rua.
Será o seu castigo!

VISCONDE

Outra vez?... outra vez mettido n'um jazigo?!
A's escuras? Ao canto?...
E' preciso, Meu Deus, que as ame tanto, tanto,
Para que o amor ás tres a taes prova resista!
Voltar para o covil, sem ter luz nem ter vista?...
A escuridão produz-me um abalo profundo:
Assustam-me os papões, as almas do outro mundo!

(levantando-se bruscamente)

Isto vae acabar! Já não vou á egreja
Com Vosslicias casar.

MARIA

Inda em cima graceja?

VISCONDE

Se tornam outra vez a falar em blombo,
Como Samsão no templo, eu n'um ápice tomo
O tapume fatal que me revolta e enerva!

(sobe para cima d'um banco)

VENUS, JUNO, MINERVA:

De cima d'este banco ou vou sentenciar
Como um juiz n'um throno! Oh! Páris vae julgar!
(descendo do banco e mudando de tom)

Eu já estou inteirado e já sei o bastante
Para bem decidir-me.

CONDESSA

E qual escolhe, em suma?

VISCONDE

Qual escolho? Nenhuma!
Nem a mulher — Musset, Victor Hugo, Chénier,
Nem apenas mulher — cosinheiro Plantier!

CONDESSA (para Laura)

O teu ultimo sonho eis que se vae embora!

LAURA (sentando-se com desalento)

Com que desolação o comprehendo agora!

VISCONDE

Nem tanto *pôt-au feu*, tanto realismo e prosa,
Nem tanto desvanio e sonhos cõr de rosa,
Tanto ideal e illusão!
E este meu coração
Fica sem palpar, parado, inerte, immovel
Perante a mulher-sport, a mulher-automovel!

CONDESSA (para Laura, apontando com desdem o Visconde)

O teu diamante bruto... a tua joia rara...

LAURA (com amar-urado rancôr)

Mais bruto — oh! muito mais! — do que eu emaginára

MARIA

Visto isso, o rebuçado...

VISCONDE

O desejado pomo?
Não o dou a ninguem, porque sou eu que o como!

CONDESSA

Tres partidas me fez perder este sujeito!...

LAURA

E esphacelam-se assim tres corações no peito!

MARIA (que tocára a campainha e déra em voz baixa uma ordem ao creado)

Onde tanta maldade elle disfarça e esconde?
Ah! os homens!

CREADO (emquanto Maria, com um gesto, indica ao Visconde que se retire)

O trem para o senhor Visconde!

ALFREDO DA CUNHA.



NOTAS LYRICAS

A Orchestra de Munich no theatro D. Amelia

Os quatro concertos que esta orchestra deu no elegante theatro D. Amelia, marcaram, no nosso meio artistico, um acontecimento digno de nota, pois que nos tirou d'esta constante *sensaboria musical* reduzida apenas ás musicas das revistas e ás operas, bem mal cantadas, ás vezes.

O joven maestro José Lassale, tem um grande futuro, pois que possui uma qualidade importantissima — o sentimento. A sua batuta indica de uma fórma maravilhosa a phrase musical, imprimindo-lhe um collorido encantador, principalmente quando faz executar obras de Berlioz, Haydn, Haendel e Wagner.

Os programmas dos quatro concertos obedeceram a uma escolha de peças, guiada por um alto criterio artistico; assim, passaram perante nós as obras dos grandes mestres antigos e modernos.

Difficil será descrever n'este curto espaço a impressão deveras grandiosa que nos deixou a execução da *Symphonia Phantastica* de Berlioz, o *Tristão, Pannhaum e Parcifal* de Ricardo Wagner, o *Concerto* de Haendel, e a *Symphonia*

n.º 13 de Haydn! Foram peças que nos deram momentos de uma alta elevação esthetica, como raras vezes acontece.

Notámos n'este grupo de artistas um grande equilibrio em todos os naipes dos instrumentos, que se obtem apenas pelo grande numero de ensaios e pela disciplina que elle nos revelou.

As ovações que recebeu todas as noites, foi o fiel testemunho da fórma como o nosso publico o acolheu.

Ao sr. visconde S. Luiz Braga, agradecemos as bellas noites de musica que nos proporcionou.

Colyseu dos Recreios

Continuam com geral agrado do publico as recitas da companhia d'opera, que está presentemente n'este theatro. As operas: *Baile de Mascaras, Palhaços, Cavalaria Rusticana, Africana* e *Gioconda*, têm sido coroadas de bom exito, sendo todos os artistas muito applaudidos.

Annuncia-se para breve a opera *Otello* de Verdi, e o *Lohengrin* de Wagner.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).



NECROLOGIA

Antonio Francisco Barata

O escriptor Antonio Francisco Barata nasceu na villa de Goes, em 1 de janeiro de 1836, e falleceu em Evora, em 23 de março de 1910. Passou annos da infancia na sua patria, vinte annos proximamente em Coimbra, alguns mezes em Lisboa, e mais de quarenta annos em Evora. Trabalhou e soffreu muito. Escreveu poesias, estudos de historia, archeologia, e de linguistica; romances historicos, peças de theatro; folhetos de polemica; collaborou em jornaes de Coimbra, na *Aurora do Cavado*, de Barcellos, nos periodicos eborenses, principalmente no *Noticias de Evora*. Era de boa figura, alto e robusto, tez clara, cabello e barba alourados, testa ampla, trato agradável, amigo de obsequiar: o espirito irrequieto, muito susceptivel, com um pouco de vaidade, cousa vulgar em litteratos, vulgarissima em gente que nada produz.

Deixa um longo rol de trabalhos litterarios, em que ha trigo e joio, mas muito de aproveitavel.

E' um dos mais notaveis exemplares de autodidacto que eu tenho conhecido; educando-se, instruindo-se a si proprio, com uma vontade, um esforço persistente que nunca desfalleceu. Em rapaz, em Goes, aprendeu primeiras letras, e trepou pelas montanhas, ao ar livre. Era pobre. Repugnavam-lhe trabalhos agricolas ou domesticos. Entrou para ajudante de barbeiro; aprendeu a fazer barbas e a cortar cabellos. E veio para Coimbra, com o seu officio. Conservou sempre o seu estojo de navalhas de barba e as suas tesouras. Elle falava muito d'esta phase da sua vida, no seu antigo officio, como garantia de independencia.

Em Coimbra desenvolveu-se o espirito, ouviu conversas de cidadãos e de estudantes, e leu, leu muito livro: conseguiu estabelecer-se, e a sua loja de barbeiro tornou-se logo conhecida. Um cabelleiro estudioso não pôde passar despercebido em Coimbra. Ora neste caso deve contar-se com a influencia do ambiente, a mesologia.

Barata encontrou em Coimbra outro autodidacto, notabilissimo, Joaquim Martins de Carvalho, o grande trabalhador do *Comimbricense*. Conheceram-se e estimaram-se. E outro ainda que foi grande amigo, o Leovigildo, com loja perto da Sé Velha, pequeno negociante que gostava de livros, e tinha certa instrucção. Da loja de Leovigildo era freguez e cavaqueador o prior da Sé Velha, archeologo distincto.

Estes homens conheceram o merito de Barata. Na sua loja tinha elle o cavaco dos estudantes; que estudantes? Thomaz Ribeiro, Barjona de Freitas, Rodrigo Velloso, etc.

O rapaz das montanhas de Goes, vivo, com imaginação, sentiu a sede de saber, o abrir de horisontes luminosos, e, em Coimbra, nas margens do Mondego, ainda então cheias de lembranças do João de Lemos, do Castilho, dos Serpas, viu desabrochar a flôr da poesia. Mas o impulso foi muito forte, apressado; a Barata faltou uma base de instrucção, conhece-se isto perfeitamente nos seus escriptos; com alguma paciencia elle teria adquirido facilmente em Coimbra conhecimentos indispensaveis; o prior da Sé Velha

ter-lhe-hia ensinado latim, de graça e com prazer; ou o bom e erudito Santa Clara, muito amigo d'elle; mas faltava a paciência, e Barata não entrou nas declinações.

Chegou a traduzir francez; mas leitura não faltava, decorava os classicos, os poetas, fazia canhenhos de phrases, de rimas.

E começou a fazer versos e prosas.

Os amigos, os estudantes, o escol academico, animaram-no. Elle publicou em Coimbra as *Lubrações de um artista* (1860), *O rancho da carqueja* (1864), o *Cancioneiro portuguez* (1866).



ANTONIO FRANCISCO BARATA

De subito, um desastre familiar; exaltado, fóra de si, com o estojo das tesoiras, veio para Lisboa, e trabalhou alguns mezes numa sobreloja da rua do Loreto.

Barata era muito conhecido em Coimbra da excellente familia Simões.

Na occasião o dr. Augusto Filipe Simões, residia em Evora; era professor no Lyceu, na cadeira de Sciencias Naturaes, medico com alguma clinica, e director da Bibliotheca Publica. Simões era illustradissimo; essencialmente um character excellente. Soube do caso, e chamou o Barata; e assim foi para Evora para o lugar de guarda do gabinete de physica; depois encarregado do posto medico; e mais tarde escrivão dos casamentos sem dispensa, e depois amanuense, e conservador da Bibliotheca; juntou todos estes empregos na cidade alemtejana, e sempre a queixar-se. Simões costumava escrever á noite, longos serões provincianos, e por algum tempo Barata foi seu escrevente. Simões ditava, passeando numa sala ampla, Barata escrevia na mesa vasta carregada de livros e papeis. Simões tinha um estilo claro, despretencioso, mas elegante; eram frequentes as discordancias com Barata que queria metter palavras ou phrases archaicas, que elle tinha notado nos canhenhos. O romance historico de Simões sobre Beatriz de Portugal, a *Sempre Noiva*, romance que ficou em menos de metade, foi escripto assim; as discordancias acabavam sempre a rir, por voltas que lhes dava Simões, mas por fim dispensou o secretario.

Lembro agora um nome que Barata respeitava muito, era Ayres de Campos, o pae do actual conde do Ameal. Era um erudito que fez e publicou um trabalho notavel sobre muitos documentos do archivo municipal de Coimbra. Barata ainda nos ultimos tempos da sua vida trabalhou no archivo municipal de Evora.

Simões, desgostou-se por questões minimas com pessoas da cidade; elle era bastante susceptivel; impressionava-se com ligeiras cousas; voltou para Coimbra, tomou capello em medicina, e entrou no corpo docente da Universidade, onde tambem encontrou atritos que o melindraram.

E teve um fim desgraçado este excellente homem e escriptor cujas obras ainda vivem.

Barata ficou em Evora, nos seus empregos, ora amigo, ora inimigo, mas trabalhando sempre.

Teve relações com o visconde da Esperança, possuidor de uma livraria notavel no paiz, na sua excelente residencia da Manizola; com o conselheiro José Carlos de Gouveia, cultor das letras, que escreveu poemas e peças theatraes.

Evora é uma cidade de historia, e d'arte: mais variada, mais vasta, do que Coimbra; tem mais historia e possui primores d'arte desde a época romana até ao presente.

Em historia brilha no primeiro lugar do seculo xiv ao xvii. Assumptos não faltam. Barata estudou e produziu muito. Fez romances historicos, onde, infelizmente, a base historica, a verdadeira, é frequentemente vencida ou occulta pela phantasia, mas em cuja leitura ainda assim, ha sempre que aproveitar. Escreveu o *Manoelinho de Evora*, *Um duello nas sombras*, *Os jesuitas na corte*, *A beata de Evora*, *O ultimo cartuxo*, *A monja de Cister*. Escreveu para o theatro, *Izabel de Sousa*, drama historico.

A *Memoria sobre a fundação da Sé*, é trabalho de archeologo e epigraphista com valor, como o *Catalogo do Museu Archeologico*. *Esboços chronologicos e biographicos dos arcebispos de Evora*, é bom trabalho, assim como a *Evora antiga*. Prestou tambem serviço bom na publicação do *Cancioneiro quincentista*, *continuação ao de Garcia de Resende*. E terminou a vida de escriptor prestando a sua homenagem a Alexandre Herculanio, folheto que foi distribuido já depois da sua morte.

Foi meu companheiro de cavaco e de alguns passeios. Os dois fizemos um escripto de saude ao malaventurado amigo Filipe Simões, e excursões archeologicas, historicas, pittorescas, á Serra d'Ossa, á Torre dos Coelhoos, á quinta archiepiscopal de Valverde.

A bibliographia de A. F. Barata é muito extensa; alguns escriptos foram publicados com pseudonymos, varios, para dar que scismar aos bibliographos do futuro; outros em tiragens muito limitadas, raridades logo á nascença.

Trabalhou e produziu muito; trigo e joio, como succede a todos, mais ou menos; mas é incontestavel que foi um raro exemplar de energia, vencendo miserias grandes, arcando com difficuldades pouco vulgares.

GABRIEL PEREIRA.

Dr. Alfredo da Costa

Era uma das figuras mais distintas da classe medica o dr. Alfredo da Costa, professor da Escola Medica de Lisboa, habilissimo operador e clinico, que faleceu no dia 2 do corrente, ao cabo de uma dolorosa doença, um cancro na lingua, para que foram impotentes todos os recursos da ciencia, não obstante ter-se sujeitado a duas operações que foi fazer a Berlim.

Conhecemol-o ainda nos seus tempos de estudante, como fomos amigos de seu pae, Bernardo Francisco da Costa, que foi deputado pela India e por Almada, homem de muito saber, autor de varios livros sobre agricultura indiana e outros,

character primoroso, inconcusso, de que seus filhos seguiram o levantado exemplo.

Manoel Alfredo Vicente da Costa nasceu em Salsete, India Portuguesa, a 28 de fevereiro de 1859. Veio ainda creança para Lisboa e depois dos primeiros estudos, matriculou-se na Escola Medica de Lisboa, onde fez o curso com rara distincção, que logo o indicou para as altas funções da ciencia.

De facto, ao terminar o curso, em 1884, foi



DR. ALFREDO DA COSTA

nesse anno nomeado cirurgião interino do banco do hospital de S. José e, no anno seguinte, effetivo, passando a extraordinario em 17 de dezembro de 1889. Nomeado depois lente substituto de cirurgia da Escola Medica, occupava ultimamente a sexta cadeira (obstetricia) da mesma escola, onde era tambem bibliotecario.

O sr. dr. Alfredo da Costa foi um habil operador, bem conhecido e que pela primeira vez, em Portugal (1887), praticou a operação de Estlander e a reseção da vaginal para a cura da hidrocele pelo processo de Volkmann, e a colecistotomia.

Foi redator da *Medicina Contemporanea* e da *Revista de Medicina e Cirurgia*, onde publicou varios trabalhos sobre medicina e cirurgia, assim como outros estudos e memorias em livro, além do *Anuario da Escola Medica Cirurgica de Lisboa*, dos annos de 1890-1892, que são trabalhos seus.

O sr. dr. Alfredo Costa era membro do conselho medico-legal; delegado de saude; socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa; presidente de uma das secções da Sociedade de Geografia; membro da comissão tecnica da Assistencia Nacional aos Tuberculosos; foi vice-presidente e depois presidente da Sociedade das Sciencias Medicas, da qual foi socio operoso que muito contribuiu para o seu engrandecimento, como o declarou o sr. dr. Custodio Cabeça em sessão desta sociedade.

A beira da sepultura falaram do illustre extinto os professores dr. Cabeça, dr. Bordallo Pinheiro, dr. Carlos Tavares e dr. Silva Amado, director da Escola Medica, pondo em relevo o valor do grande medico e operador, que tanto se distinguia por seus talentos e operosidade.

A illustre familia do extinto e muito particularmente a seu irmão e nosso presado amigo sr. Cincinato da Costa, enviamos nossas sentidas condolencias.

C. A.

ÁGUA DE MESA DIGESTIVA Propriedade das Hortas ALCOCHETE

A agua mais barata que se encontra á venda — Garrações de 5 litros 120 réis

Segundo a opinião de muitos medicos da capital, consideram esta agua magnifica e de efficacia em regularisar as funções do estomago e dos intestinos. Está oficialmente analysada.

DEPOSITO GERAL: Fructaria Internacional, de Antonio Ribeiro Cardoso 6, Rua do Loreto, 8 — LISBOA

EMPRESA DE CARRUAGENS FIDELIDADE Proprietario — JOÃO FILIPE DA FONSECA JUNIOR

Numero telephonico 500

Aluga Coupés, Mylordes, Caleches, Landaus e Clarences para todos os serviços

RUA DE S. BENTO, 46 — LISBOA
E no ESTORIL, Parque do Ex.^{mo} Sr. José Vianna

Vierling & C.^a

Abriram o seu estabelecimento

104, Rua dos Capellistas, 106
17, Rua Augusta, 19

Negoceiam em Cambios, Papeis de Credito, Coupons, Ordens de Bolsa e Loterias.

Telephone, 2873

Endereço. Fundos.

23 a 173 francos por semana, podem ganhar, senhoras homens e rapazes em suas casas. Muito honroso, facil, sem precisar conhecimento algum especial. Venda garantida — A. I. Horton — 56 — Rue Carvès — Grand Montrouge (Seine) France.

Capas para a encadernação dos volumes d'O OCCIDENTE

Preço da capa 800 réis, capa e encadernação 1\$200 réis